

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADA E EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO DE ANTROPOLOGIA**

JOÃO VÍTOR VELAME



EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS E ENCONTROS COM ALTERIDADES
Um estudo etnográfico dos ritmos e movimentos (a vida) no ambiente de um mercado
público paraibano

RIO TINTO - PB
2020

JOÃO VÍTOR VELAME

RELATÓRIO DE PESQUISA

EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS E ENCONTROS COM ALTERIDADES:

Um estudo etnográfico dos ritmos e movimentos (a vida) no ambiente de um mercado público paraibano

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Antropologia da Universidade Federal
da Paraíba, como pré-requisito para a obtenção
do Título de Bacharel em Antropologia**

Orientador: João Martinho Braga de Mendonça

RIO TINTO - PB
2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

V432e Velame, João Vítor.

Experiências artísticas e encontros com alteridades :
um estudo etnográfico dos ritmos e movimentos (a vida)
no ambiente de um mercado público paraibano / João
Vítor Velame. - Rio Tinto, 2020.
32 f. : il.

Orientação: João Martinho Braga de Mendonça.
TCC (Graduação) - UFPB/CCAÉ.

1. Mercado público de Rio Tinto. 2. Ritmos do
cotidiano. 3. Coleção etnográfica. 4. Desenho
etnográfico. 5. Antropologia visual. I. Mendonça, João
Martinho Braga de. II. Título.

UFPB/CCAÉ

CDU 394

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho especialmente a minha mãe Veridiana.

Todo meu agradecimento e amor à minha base de vida: aos meus irmãos (Fernando, Lucas e Rodrigo) e irmãs (Fernanda e Luana). Ao meu amigo e cunhado Thiago (Kanhoto). Aos momentos de alegria com as bolinhas de pelo (*não-humanos*) *Gandhi* e *Guru*. As minhas primas (os) Renata, Victória e Diego. A minha querida Tia Lisa (Elizeth) e ao meu querido Tio Renato, sem estes a vida não seria tão bela e colorida.

Meu profundo agradecimento aos trabalhadores comerciantes e feirantes que atuam no mercado público de Rio Tinto – PB. Eles trazem em suas bagagens ritmos e experiências de vida que se misturam neste local de múltiplas cores, sons, energias, ensinamentos e aprendizagem. À minha gratidão pelo acolhimento e gentileza desde a minha chegada em campo e ao longo destes anos de pesquisa. Foi convivendo e participando de suas vidas que aprendi sobre reciprocidade, sobre trocas e sobre o tempo do outro.

Aos colegas e companheiros de movimento estudantil. Aos amigos indígenas por compartilhar e poder aprender sobre a cultura do seu povo Potiguara, Tabajara e Xukuru.

Às minhas amigas e parceiras de saideiras: Djuliane, Lady Cabral e Gabriela Salatine. E mesmo que atualmente esteja distante não poderia esquecer de Jailma.

E agradeço com todo meu carinho a uma grande amiga, Janaina Santa Cruz e Danilo Almeida Barbosa Barros que mesmo à 2.287 km, compartilhou muito do processo desta pesquisa.

Às amigas de longas datas: Elina Lonchamp, Rosie Warren, Iona Claringbold, Mihail Trifonov, Barbora Slosáriková e Mona Hanway.

Durante esta trajetória acadêmica devo meu agradecimento e reconhecimento das

oportunidades que vieram ao longo destes anos: aos projetos de monitoria em Antropologia Clássica e Introdução a Etnodocumentação meus agradecimentos às coordenadoras Kelly Oliveira e Ruth Henrique. Às professoras da matéria de Trabalho de Conclusão de Curso Alessa Cristina e Lara Amorim. À UFPB e CNPq pela oportunidade de ser bolsista dois anos consecutivos em Iniciação Científica. E àqueles que tiveram vínculo diretamente ao meu trabalho e fizeram convites externos para participar de ações.

Ao Estevão Palitot qual tive oportunidade de conhecer mais de perto o trabalho do antropólogo em campo.

Ao Oswaldo Giovannini por introduzir experiências inesquecíveis na Ilha.

Agradeço ao amigo e professor Darllan Neves da Rocha, companheiro de reflexões de ordem pessoal e profissional. Um brinde a todas as conquistas.

Aos membros do grupo de pesquisa AVAEDOC (antropologia visual, Artes, etnografias e documentários), qual tive a oportunidade de fazer parte durante todos esses anos da graduação. Ajudando a regar este sonho coletivo de contribuir que as ciências e artes sejam mais libertárias e acessíveis. Neste sentido, agradeço especialmente em nome de Glauco Machado por sempre incentivar minhas ideias, criações, indicando textos, etc. Um brinde a vida!

À coordenação de Antropologia, agradeço a Marcelo pela prontidão com que solucionava minhas dúvidas nos trâmites acadêmicos.

Gratidão ao João Martinho, meu orientador em teoria e em prática.

De antemão sou grato aos membros da banca examinadora por aceitarem o convite à leitura e reflexão deste trabalho: Aina Azevedo e Darllan Neves.

*Se fosse como xadrez ou canastra, eu poderia te dizer as regras,
e nós poderíamos, se quisséssemos, parar de jogar e discutir as regras.
E então poderíamos começar um novo jogo com as novas regras.
Mas que regras seriam válidas entre os dois jogos?
Enquanto estivéssemos discutindo as regras?*

*É como a vida - um jogo cujo objetivo é descobrir as regras,
Cujas regras são sempre mutantes
E sempre indecifráveis.*

Gregory Bateson (1956)

LISTA DE FIGURAS¹

FIGURA 1 Fotografias selecionadas para exercício de foto-elicitação: acervo fotográfico da exposição comemorativa de 50 anos de emancipação política do município de Rio Tinto (Acervo Arandu/AVAEDOC/Fundo Secretaria Municipal de Cultura de Rio Tinto).....	15
FIGURA 2 Desenho topográfico do mercado público Santo Agostinho.....	18
FIGURA 3 Desenhos topográficos dos lugares do mercado público.....	19
FIGURA 4 Desenhos dos ambientes e emaranhado de coisas.....	21
FIGURA 5 Desenhos dos ritmos e movimentos.....	23
FIGURA 6 Desenhos do cotidiano: personagens e relação humano e não-humanos.....	24
FIGURA 7 Apresentação do Sítio Eletrônico - Página Inicial.....	26
FIGURA 8 Screenshot ilustrativo da criação do <i>site</i>	27
FIGURA 9 Organização e catalogação dos desenhos.....	28

1

Todos os desenhos presentes neste relatório de pesquisa foram realizados pelo o autor. Os desenhos compõem a Coleção Etnográfica do Trabalho de Conclusão de Curso de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba/Acervo Arandu/AVAEDOC, Rio Tinto-PB.

RESUMO

O trabalho apresentado neste relatório é fruto da pesquisa desenvolvida nos últimos anos como estudante da graduação em Antropologia, com habilitação em Antropologia Visual, pela Universidade Federal da Paraíba, Campus IV. O objetivo é apresentar uma narrativa etnográfica construída a partir de metodologias experimentadas através do uso de desenhos como ferramenta de pesquisa. Entre a tarde de Sexta-feira e a virada da madrugada para o Sábado. Comecei a produzir uma série de desenhos que buscam representar, de forma gráfica, os movimentos e ritmos das trocas e interações no mercado público Santo Agostinho de Rio Tinto, cidade localizada no interior do litoral norte da Paraíba, Brasil. Os desenhos permitem identificar técnicas, métodos, objetos e coisas observadas durante experiências etnográficas; aos poucos, foram também percebidos pelas pessoas da feira e através delas desenvolvi diferentes abordagens, as quais me permitiram trilhar os caminhos do cotidiano pelos traços desenhados destes ritmos vividos, pulsações que passam a vibrar como memória coletiva e social. Os desenhos integram a coleção de desenhos etnográficos a serem apresentados neste relatório de pesquisa.

Palavras-chaves: Mercado Público. Ritmos do Cotidiano. Desenho Etnográfico. Coleção Etnográfica.

ABSTRACT

The work presented in this report is the result of a research developed in recent years, as an undergraduate student in Anthropology, with curricular emphasis in Visual Anthropology at the Federal University of Paraíba, Campus IV. The aim is to present an ethnographic narrative created from methodologies experienced through the use of drawings as a research tool. Between the turn of a Friday afternoon to Saturday dawn, I started to create a series of drawings that seek to represent, graphically, the movements and rhythms of exchanges and interactions at Rio Tinto's public market *Santo Agostinho* (Saint Augustine), a city located in the northern coast of Paraíba, Brazil. Through the drawings it's possible to identify techniques, methods, objects and things observed during ethnographic experiences, little by little, they were also perceived by the people at the public market and through them I developed different approaches, which allowed me to walk the paths of daily life through the drawn lines of these lived rhythms, pulsations that start to vibrate as a collective and social memory. The drawings are part of an ethnographic collection of drawings to be presented in this research report.

Keywords: Public Market. Daily Rhythms. Ethnographic Drawing. Ethnographic Collection.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	12
3 COLEÇÃO DE DESENHOS ETNOGRÁFICOS	18
3.1 Desenhos topográficos dos lugares do mercado público.....	18
3.2 Desenhos dos ambientes e emaranhado de coisas.....	19
3.3 Desenhos dos Ritmos e movimentos (a vida) no Mercado Público.....	20
3.4 Desenhos do cotidiano: personagens humanos e não-humanos.....	23
4 SÍTIO ELETRÔNICO	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

As feiras livres e mercados públicos fazem parte do cotidiano de muitas famílias brasileiras, seja para realizar atividades comerciais, encontrar com os amigos, comer comidas regionais e até mesmo ir à procura de lazer. Estes ambientes são marcados pelo calor que emana da alegria, dos altos falantes, dos cheiros, dos sabores, dos corpos se esquivando de pessoas e coisas, dos carrinhos de mão cheios, dos motores das máquinas, das músicas no rádio, etc.

Antes de pensar na feira é preciso de um impulso maior para que aconteça este grande evento, marcado de histórias de vida. Assim, para compreendermos como estes lugares são formados é necessário olhar para os ritmos e movimentos que preenchem e que, em coletivo, organizam este lugar a partir de múltiplas interações e relações. Muitas das vezes este o processo de organização destas feiras não é visto por muitos pois, por uma questão de imprevisibilidade, pode acontecer ou muito cedo ou até mesmo no horário da madrugada.

Partindo de uma perspectiva da antropologia visual, esta pesquisa buscou realizar um estudo etnográfico através do desenho como método de pesquisa, com o objetivo geral de analisar e compreender os ritmos temporais e movimentos (a vida) no âmbito da organização da feira livre no mercado público Santo Agostinho, localizado no município de Rio Tinto-PB.

Os objetivos específicos foram: 1. Traçar o lugar da memória através de experimentos multissensoriais (desenho, fotografia, entrevista semiestruturada, vídeo, elicitación por meio de fotografias e desenhos, diários, hipermídia, hipertexto, etc.); 2. Experimentar a construção poética de uma etnografia da duração² na criação de uma coleção de desenhos etnográficos; 3. Analisar os ritmos e movimentos durante a organização da feira livre na virada da madrugada de sexta-feira para o sábado.

Destarte, a criação de uma peça visual na linguagem hipermídia de uma coleção de desenhos etnográficos teve como resultado final a obra intitulada de *Ritmos e Movimentos: experimentações (Etno)Gráficas num mercado público paraibano*. O sítio eletrônico é composto por experimentos visuais poéticos realizados no âmbito do mercado público. Para a criação desta

2

Termo cunhado pelas antropólogas Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha, inspiradas na obra de Gastón Bachelard. *La dialectique de la durée*. Paris: Quadrige/PUF, 1989a. (1. ED. 1950). A respeito recorrer ao artigo produzido pelas autoras ECKERT e ROCHA, 2000, e o livro ECKERT e ROCHA, 2013c.

peça foi necessário abranger conhecimentos e estudo sobre criação e sistematização de dados nas interfaces, levando a estudos sobre CSS (*Estilo em Cascatas*) e HTML (*Linguagem de Marcação de Hipertexto*) na construção de uma peça hiperídia. O sítio eletrônico foi elaborado para ser visualizado tanto em computadores como também em celulares *smartphones*.

A coleção de desenhos etnográficos a ser apresentada foi uma prática utilizada ao longo da pesquisa que teve como inspiração os trabalhos das antropólogas Azevedo (2016a-b) e Kuschnir (2012, 2014, 2016) possibilitando o diálogo entre os campos da antropologia da arte, urbana e visual através de coleções etnográficas como do Museu Kunstkamera de São Petersburgo discutido em um artigo de Azevedo (2019a).

Obtive o conhecimento sobre o desenho na antropologia através de uma oficina intitulada “Identificando problemas e virtudes da UFPB por meio de Diários Gráficos” ministrada pela Prof. Aina Azevedo, ainda no início da graduação, assim, a partir desta oficina e outros artigos de Azevedo (2016a) comecei a utilizar o recurso do diário gráfico (*idem*).

O conjunto que utilizo como cadernos de campo são três, sendo dois exclusivos como diários gráficos e um diário de campo. Em outros momentos utilizei de um caderno de desenho pessoal com outros estudos artísticos e folhas avulsas. Os desenhos desta coleção foram produzidos através de diversos materiais – grafite 6B, aquarela, lápis de cor DeLuxe Ranger e nanquim – empregando diferentes modalidades de desenho: cartográfico, esboços, desenho de observação, realistas, estilizado, coloridos, etc. Alguns dos desenhos depois de escaneados passaram por um processo de edição de cores em programas de edição, a por exemplo do Photoshop CS6 e GIMP 2.0.

Ao todo foram realizados 60 desenhos etnográficos, 304 tomadas fotográficas, 68 vídeos (duração: 2h57m05s), 14 transcrições de entrevistas semiestruturadas e coletei 5 documentos (boletim oficial do município, projetos de lei e folhas de pagamentos). Todo esse material coletado foi devidamente editado, escaneado, organizado em tabelas e catalogado, disponíveis no acervo do Laboratório de Antropologia Visual Arandu da UFPB, Campus IV.

Este relatório está dividido em três partes: 1. Pressupostos teóricos e Metodológicos; 2. Coleção de desenhos etnográficos; 3. Sítio Eletrônico e Hiperídia. Para, assim, chegar às conclusões finais.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

As perspectivas teóricas e metodológicas da antropologia foram o fio condutor para realizar esta pesquisa, principalmente sobre noções de ritmos, cotidianos, duração e acervos hipermidiáticos nas interfaces (ECKERT, 2012; ECKERT & ROCHA, 2015); movimentos/vida (INGOLD, 1994, 2012, 2015, 2018); desenho etnográfico e diário gráfico (AZEVEDO, 2016; KUSCHNIR, 2016); foto-elicitação e técnicas de pesquisa em antropologia visual (PINK, 2001; BANKS, 2009).

As feiras livres e mercados público são temas que vêm sendo estudados pela antropologia, como o exemplo das pesquisas de Gonçalves e Abdala (2013) que falam sobre as formas de sociabilidade presentes no cotidiano de feiras-livres em Uberlândia-MG; de Vedana (2004, 2013) sobre as “artes de fazer” de feirantes e fregueses na Feira Livre da Epatur em Porto Alegre - RS; de Nascimento (2016), identificando e analisando as estratégias de venda de mercadorias na feira livre da cidade de Itapororoca-PB; e de Tavares (2005) através de um olhar sociológico das memórias e representações sociais de uma pedagogia da malandragem na Feira do rolo da Ceilândia-DF.

Estas referências acima se aproximaram e serviram como *insights* e inspiração para realizar o recorte de pesquisa, partindo, assim, para um olhar voltado à organização da feira livre da cidade de Rio Tinto-PB. A organização da feira livre ocorre na sexta-feira e na virada de sua madrugada para o sábado. Desta forma, os autores apresentados anteriormente muitas vezes vão de encontro com aspectos da feira de Rio Tinto, tendo em vista que muitos deles apontam para os aspectos entre a sociabilidade e o lazer nas interações entre feirantes e fregueses e muitas vezes sobre o tempo do trabalho.

Estas interações, relações de lazer e de sociabilidade chamam a atenção das pessoas que passam por estes lugares, e aos poucos começam a interagir; elas passam e dão risadas, se cumprimentam e até mesmo aqueles que estão mais distantes interagem ou ficam de olho nas histórias contadas no local, tornando-se, assim, um espaço para além da mercantilidade e do trabalho, um lugar de lazer e sociabilidade que se coincide no tempo do trabalho.

Segundo Tavares (2015):

(...) as feiras se constituíram em maior ou menor grau em fator de

desenvolvimento das cidades brasileiras, num espaço interativo de maior complexidade de representações sociais que, desde suas origens possuiu uma vocação para a vida urbana mercantil, tornando-se assim o espaço de festa e do carnaval. (TAVARES, 2015: 22)

Estes aspectos de festividade estão presentes constantemente no fazer da feira livre, até mesmo, neste caso, no montar e organizar da feira em si, através de jogatinas, dos churrascos, do cantar, das piadas, etc., códigos culturais comuns são partilhados a partir de um sentimento de pertencimento (GONÇALVES & ABDALA, 2013), e este pertencimento vêm a partir desta relação de reciprocidade, vindo de um movimento de frequentar, estar presente e saber interagir com o outro.

Nascimento (2016) aponta que a feira livre de Itapororoca-PB acontece na segunda-feira, transformando o ritmo da cidade diferenciado pois muitas pessoas não trabalham por ser o dia de feira trazendo uma sensação de festa e animação coletiva. Este movimento de festividade e de dia de folga possui semelhança com a animação e festividade da feira livre de Rio Tinto, mas esta ocorre aos sábados e domingo é para descansar. Na sexta-feira o mercado público já ganha um ar de festividade com música, bebidas, jogatina e churrasco enquanto alguns feirantes começam a organizar seus produtos.

O trabalho está interligado nas investigações relacionadas às feiras livres, assim, partindo de uma perspectiva de tempo e do trabalho, para que aconteça a feira livre na cidade é preciso um esforço para a organização deste lugar. Diferentes personagens atuantes no mercado público dedicam em média dois dias da semana para organização da feira livre. Muitos dos diálogos realizados com os feirantes durante a madrugada trazem um reconhecimento ao trabalho e à memória.

Neste sentido, Eckert e Rocha (2015) ressaltam que:

Como argumentar sobre o trabalho no fluxo do tempo, senão na experiência temporal de quem praticou, agiu, viveu essas transformações na multiplicidade dos ritmos cotidianos, os grupos trabalhadores urbanos no presente? Pesquisar sobre o tema do trabalho no horizonte temporal é, então, para nós, pesquisadores em antropologia, conhecer as experiências relacionadas ao tema do trabalho nos tempos cotidianos vividos daqueles que narram suas ações em uma inteligibilidade reflexiva temporal, “simbolicamente mediatizadas” (...)

(ECKERT, ROCHA, 2015 : 32)

Estes ritmos pulsam no cotidiano passado e presente desta comunidade. Dentro deste contexto de feiras livres e mercados públicos utilizei de referências de pesquisadores que atuaram ou atuam na cidade de Rio Tinto-PB³ através de diferentes temáticas: manifestações populares, história de vida e memória, etnografias do cotidiano, território Potiguara, cinema e memória, entre outros (ARAÚJO, 2019; CARDOSO, T. M.; GUIMARÃES, G. C. 2012; DANTAS, 2019; LISBOA, 2019; MACÊDO, 1986; MENDONÇA, 2012, 2014). Servindo como base para compreender a história da cidade por diferentes perspectivas abordadas com diálogos entre a antropologia urbana e a antropologia visual, por muitas vezes o mercado público da cidade é mencionado de forma direta ou indireta.

Portanto, o mercado público, nomeado de Santo Agostinho, foi inaugurado em 23 de dezembro de 1985 com recursos próprios da administração de Augusto Rodrigues da Silva, antigo prefeito da cidade. O estabelecimento está localizado entre quatro ruas: R. Francisco Gerbasi, R. Napol Laureano, R. da Vitória e R. Napoleão Laureano; conhecidas localmente como *barãozinho*.

Antigamente o mercado público encontrava-se em outra parte da cidade. Muitos dos interlocutores o mencionam como ponto de referência do antigo mercado o “colégio” - Escola Municipal Antônia Luna Lisboa⁴ e/ou a Senzala. Segundo Dantas (2019), o espaço onde hoje é a Senzala também foi o Mercado e a feira-livre da cidade de Rio Tinto nos anos de 1980, instalado neste local que sofria com as chuvas. Assim as mercadorias dos feirantes ficavam alagadas, apontando também a dificuldade de caminhar na feira por conta de buracos, havendo assim uma demanda que este lugar fosse colocado em um outro lugar da cidade.

Durante campo de pesquisa utilizei do recurso da elicitación através de imagens discutidas

3

A cidade de Rio Tinto está localizada no interior do litoral Norte no Estado da Paraíba, possui uma população estimada no ano de 2019 de 24.176 habitantes com uma área territorial de 466,984 km² (IBGE, 2019), a cidade se encontra na região do Vale do Rio Mamanguape, abrangendo outros nove municípios. Os dados apresentados foram coletados no < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/rio-tinto/panorama> >. Acesso em: 02 set 2019.

4

Antigo Campo de Pelada: “O Assião” FONTE: história de Rio Tinto. Disponível em: <<https://www.achetudoeregiao.com.br>>. Acesso em: 02 mar 2020.

com maior ênfase por autores como El Guindi (2004) e Banks (2009) em elicitación por imagem e vídeo. Esta pesquisa documental teve seu início mediante material imagético reunido no acervo do Laboratório de Antropologia Arandu. Com mais de cinquenta fotografias, este acervo possui uma fotografia dos antigos barracões do mercado.



Figura 1: Fotografias selecionadas para exercício de foto-elicitación: acervo fotográfico da exposição comemorativa de 50 anos de emancipação política do município de Rio Tinto (Acervo Arandu/AVAEDOC/Fundo Secretaria Municipal de Cultura de Rio Tinto).

Para a análise e organização destas fotografias utilizei um método pessoal de análise e organização. Espalhando-as no chão da minha residência comecei a organizá-las em blocos a partir de uma perspectiva de mapeamento dos lugares e conteúdos de cada fotografia, por exemplo: bloco 1 - fotografias da entrada da cidade e imagens aéreas; bloco 2 - fotografias de monumentos; bloco 3 - fotografias com pessoas.

Esta forma de organização levou à seleção de quatro imagens que possuem relação indireta ou direta com o mercado público para assim ser feito o exercício de elicitación através da fotografia “compreendendo os métodos visuais etnográficos mais adequados” (PINK, 2001) para abrir um diálogo com os feirantes sobre as memórias locais. Estas imagens referem-se às histórias e tradições locais revelando aspectos do cotidiano *rio-tintense* – essas por sinal estão entrelaçadas ao cotidiano passado e presente da cidade, muitas dessas memórias referem-se ao período de funcionamento da fábrica⁵ (Companhia de Tecidos Rio Tinto - CTRT).

As quatro fotografias selecionadas serviram como abertura de diálogo entre os feirantes

⁵

o município de Rio Tinto foi desmembrado da atual cidade vizinha de Mamanguape em 1956, quase quarenta anos depois de surgir como vila operária em função da instalação de uma fábrica de tecidos em terras de engenho de cana, ladeadas por áreas de ocupação indígena (Potiguara) (MENDONÇA, 2012, p. 85)

para conhecer mais sobre a história do mercado público. Esta escolha de imagens funcionou para estabelecer e invocar memórias sobre o mercado público durante as entrevistas semiestruturadas assim levando os feirantes a compartilharem histórias de vida e sua inserção no âmbito das trocas na feira livre.

Assim, foram realizadas como pesquisa de campo catorze entrevistas. Estas, por sua vez, aconteceram durante dois momentos: uma parte durante a tarde da sexta-feira; e outra durante a virada da madrugada de sexta-feira para o sábado. Levando efetivamente a uma edição entre uma imagem do acervo e fotografias realizadas em campo, criando foto-colagens junto com os depoimentos relatados em campo de pesquisa, este experimento pode ser visualizado no sítio eletrônico na aba **Memória e Acervo**⁶.

Embora outras técnicas tenham sido também utilizadas durante o campo de pesquisa, o emprego do desenho foi concebido como ferramenta principal a ser desenvolvida metodologicamente para pensar, *desenhativamente* (KUSCHNIR, 2016), a antropologia.

Yves Winkin (1998) sugere que o desenho etnográfico pode ser realizado por qualquer antropólogo, assim, partindo da perspectiva que o fazer etnográfico teria três competências: a arte de ver, arte de ser, arte de escrever (*idem*, 1998, 132). Portanto, como poderia no fazer etnográfico na cidade experimentar diferentes situações vividas individuais e coletivas na busca de compreender e analisar ritmos e movimentos que pulsam neste lugar de múltiplas interações?

Foi através da observação participante em que comecei a realizar uma série de desenhos, partindo de experiências individuais, significando a criação de desenhos como mapas topográficos dos lugares e nas superfícies das coisas. A noção de lugar e dos emaranhado de coisas é discutida com mais ênfase por Ingold (2012) tendo em vista que o mundo em que habitamos não é composto de objetos e sim da coisa, que é um "acontecer", ou melhor, um lugar onde vários aconteceres se entrelaçam (INGOLD, 2012 :29). Assim, os desenhos realizados dos lugares e coisas não tiveram interação com os personagens atuantes no mercado, formando linhas de uma forma isolada para a inserção em campo e compreensão das dinâmicas dos lugares.

Por outro lado, foram criados desenhos dos ritmos, movimentos e personagens presentes

6

Memória e Acervo - FOTOCOLAGEM. Disponível em: <<https://joaovitorvelame.cargo.site/Fotografia-e-Acervo>>. Acesso em: 15 jul 2020.

na organização da feira, influenciando diretamente na interação com os personagens do mercado. Assim, de uma forma coletiva, estes desenhos foram analisados por alguns personagens do mercado e serviram para a abertura de diálogos e reflexões em conjunto com a comunidade.

Em seguida, alguns desenhos foram selecionados para compor uma coleção destes, tendo em vista que muitos deles serviram como esboços, rabiscos, garranchos, rascunhos, *insights* de pesquisa (AZEVEDO, 2016 : 116) esses esboços inacabados não chegaram a um resultado final, assim foi preciso fazer uma seleção dos desenhos que estariam na composição da coleção ou não.

Muitos antropólogos que trabalham com desenhos preferem não mostrá-los para os seus interlocutores ou para a academia, servem como inspirações de pesquisa. Mas o movimento que esta pesquisa tomou, levou efetivamente a compartilhar destes desenhos durante o campo de pesquisa tendo em vista que os diferentes personagens deste lugar pediram para ver ou se aproximaram para conhecer um pouco mais da pesquisa.

Os desenhos selecionados para compor a coleção representam técnicas corporais, arquitetura, ações sociais, processos técnicos, mapas, etc. Os desenhos, aos poucos, foram também percebidos pelas pessoas da feira e através delas desenvolvi diferentes abordagens as quais me permitiram trilhar os caminhos do cotidiano pelos traços desenhados destes tempos vividos, pulsações que passam a vibrar como memória coletiva e social. Um exercício similar a elicitación por imagens foi realizado através da elicitación através do desenho, os interlocutores reconheceram-se e reconheceram ambientes e instrumentos ao vislumbrar os desenhos.

Alguns boxes conhecidos como os boxes das frutas e verduras ficam cobertos por uma estrutura de ferro (Legenda: verde escuro).

Outro ponto marcante do mercado é a administração (Legenda: roxo) neste ambiente acontecem as reuniões e organização de projetos. Logo depois da R. do Sol (Legenda: marrom) ficam os bancos de madeira expostos a céu aberto, empilhados uns sobre os outros em um gramado. A divisão do mercado é conhecida como a parte alta (os galpões) e a parte baixa (estrutura de ferro dos boxes das frutas e verduras). Na parte alta (Legenda: rosa) está localizado o galpão onde os frentistas guardam seus carrinhos de mão. Este ambiente contém dois banheiros públicos.

Localizado, portanto, no centro da cidade, este mercado tem quase todo seu entorno ocupado com atividades comerciais. São no total cinquenta e três lojas ao redor.

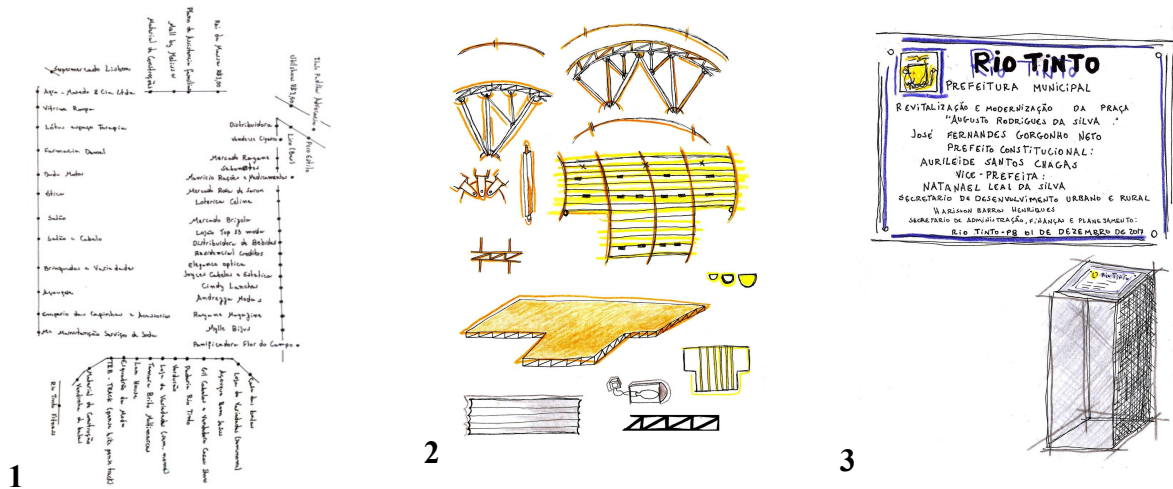


Figura 3: Desenhos topográficos dos lugares do mercado público. Autorias Próprias. (1) 06-09-2019; (2) 01-03-2019; (3) 29-08-2018. Acervo do autor.

O emprego do desenho neste caso foi importante para um mapeamento do campo de pesquisa, partindo de uma visão de fora para dentro do mercado público. Estes desenhos encontram-se no sítio eletrônico na aba **A Cidade e o Mercado**⁷ com o objetivo de guiar o leitor

7

A Cidade e o Mercado. Disponível em: <<https://joaovitorvelame.cargo.site/Estado-da-Paraiba-Brasil>>. Acesso em: 15 jul 2020.

ao lugar em que esta pesquisa foi realizada e oferecer aspectos dos lugares que compõem o mercado público da cidade.

Para além dos lugares destaque, assim, as superfícies das coisas através de códigos como é o caso dos letreiros nas superfícies do galpão da carne, os letreiros e iconografias nas caixas de alho, a imagem de nossa senhora pregada na parede, o calendário destacando os feriados, etc., sendo, estes, símbolos tipográficos presentes nas superfícies dos lugares.

Esta aba do *site* começa a partir de um plano geral com uma pintura cartográfica do Estado da Paraíba. Ainda nesta aba do *site*, observe o ícone de localização vermelho, no qual situa-se a cidade de Rio Tinto. Este mapa interativo possibilita que, ao clicar no ícone a página, sejamos levados a uma pintura cartográfica da cidade. Utilizando do mesmo recurso e clicando no ícone presente no centro da cidade é onde está localizado o mercado público Santo Agostinho. Assim, a partir de um plano geral o leitor aproxima-se do plano fechado onde está localizado os desenhos topográficos dos lugares do mercado. As legendas de cada desenho oferecem identificar verbalmente alguns aspectos destes lugares.

3.2 Desenhos dos ambientes e emaranhado de coisas

Na organização da feira livre são utilizados os mais variados instrumentos que interagem com os ambientes do mercado. Partindo de uma abordagem de um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam utilizando a noção de emaranhado de coisas proposta por Ingold (2012), os desenhos a serem apresentados servem para pensar como essas coisas são feitas e usadas. Neste sentido, uma série de desenhos foram criados dos **Ambientes e Emaranhado de Coisas**⁸ - estas podem ser criadas a partir de outras coisas como é o caso dos tabuleiros dos feirantes, carrinhos de mão e assentos públicos, coisas criadas a partir de tronco de árvores.

Os desenhos deste bloco oferecem de forma gráfica identificar alguns instrumentos como as balanças que são utilizadas para pesar outras coisas, os instrumentos de pescas, os cestos e cabos de vassoura, os carrinhos pequenos de mão que se ressignificam através do modo de usá-los e até mesmo as folhas de bananeiras que são utilizadas para forrar as gaiolas na venda de aves.

8

Coleção de Desenhos Etnográficos - Ambientes e Emaranhado de Coisas. Disponível em: <<https://joaovitorvelame.cargo.site/Desenhos-etnograficos>>. Acesso em: 15 jul 2020.

Este movimento do fluxo das coisas é representado, assim, a partir da compreensão dos movimentos e linhas que estão entrelaçados entre as coisas e o seu uso na organização da feira livre. Os desenhos são acompanhados de legendas que oferecem um ou mais aspectos que representam uma ou mais forma de uso destes instrumentos que são compostos por doze desenhos. Por exemplo: os carrinhos de mão pequenos servem para transportar algo de um lugar para o outro. Por outro lado, estes são utilizados por diferentes pessoas (frentistas, feirantes e fregueses) e das mais variadas formas. Em um momento este carrinho serve para carregar os produtos de um freguês até a sua residência, depois os carrinhos são utilizados por feirantes para comercializar seus produtos, e em um dado momento, durante o fim da feira, carrinhos similares são utilizados para coletar os resíduos que ficaram para serem jogados fora pelo catadores. São coisas que se ressignificam de acordo com o movimento que é dado para estas coisas, adquirindo formas variadas de serem utilizados.

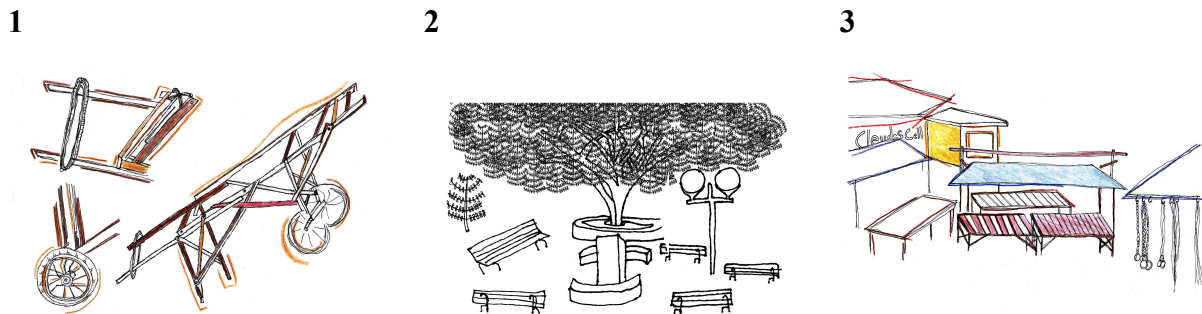


Figura 4: Desenhos dos ambientes e emaranhado de coisas. Autorias Próprias. (1) 02-02-2019; (2) 01-02-2020; (3) 01-03-2019. Acervo do autor.

Estes desenhos realizados em campo oferecem reflexões sobre as coisas e suas “gambiarras”, por exemplo, o modo como os carrinhos de mão feitos da mesma madeira que os tabuleiros adquirem “gambiarras” (corda, linguinha, rodas antigas de bicicletas) que os compõem e ajudam em sua funcionalidade.

Ingold (2011) aponta que a vida não começa em um determinado momento, mas sim tem origem de recortes dos seus percursos traçados, dos caminhos, dos improvisos, das gambiarras, das experiências vividas, e assim utilizar deste olhar para identificar estes atributos das coisas

através dos desenhos que são dotados de expressões e significados que podem ser vislumbradas visualmente. Destarte, para visualizar estes desenhos no sítio eletrônico é possível ver a partir da mudança de cada figura em slide, mas também é possível clicar em cada uma delas para visualizar as figuras individualmente.

3.3 Desenhos dos Ritmos e movimentos (a vida) no Mercado Público

Partindo de uma perspectiva dos ritmos e movimento da vida, para que aconteça a feira livre na cidade é preciso um grande esforço e trabalho para a organização desse lugar. Neste contexto realizei alguns desenhos que representam estes movimentos de montar, organizar e desmontar das coisas e lugares. Observo as mais variadas atividades que tomam conta no âmbito do mercado na sexta-feira. Por fim, estas atividades estabelecem vínculo de sociabilidade, lazer, ritmos e trabalho.

Os desenhos a seguir dos **Ritmos e Movimentos (a vida) no Mercado Público**⁹ demonstram algumas dessas atividades que ocorrem ao mesmo tempo, por exemplo, enquanto um senhor pinta a fachada de uma loja em cima de uma escada, este conversar com um senhor sentado em cima de um balde plástico descascando alho, passa mais de uma hora que este senhor está na mesma posição, quando termina vai em busca de outras caixas com cabeças de alho.

Os dois homens falam em voz alta com muitas gargalhadas e piadas. Próximo a este senhor dentro do boxe de temperos um jovem está moendo temperos na bancada e interage com os dois homens mais velhos. Um homem sai de dentro de um salão de beleza ao ouvir uma piada e começa a interagir com os demais, puxa um balde e começa a descascar as cabeças de alho junto com o senhor que descascava sozinho. Poucos minutos chega mais um homem para ajudar na atividade.

9

Coleção de Desenhos Etnográficos - Ritmos e Movimentos (a vida) no Mercado Público. Disponível em: <<https://joaovitorvelame.cargo.site/Desenhos-etnograficos>>. Acesso em: 15 jul 2020.

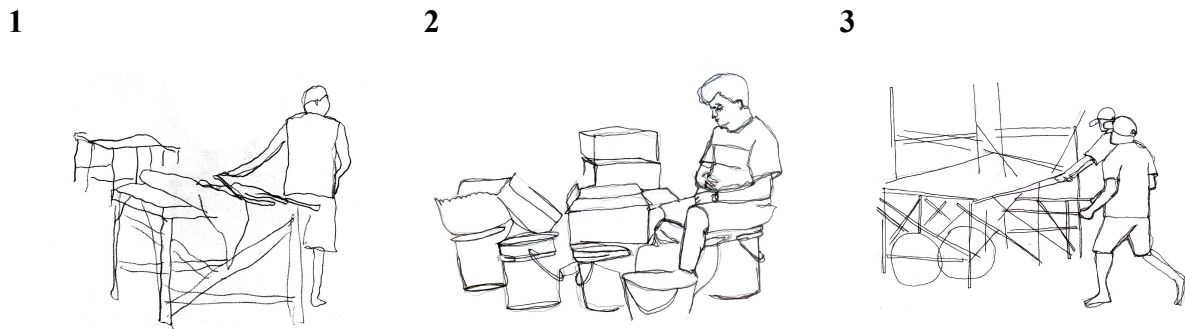


Figura 5. Desenhos dos ritmos e movimentos. Autorias Próprias. 14-03-2019. Acervo do autor.

Estas interações chamam a atenção das pessoas que, passando por ali, aos poucos começam a interagir dando risadas, se cumprimentando e até mesmo aqueles que estão mais distantes acabam interagindo ou ficando de olho nas estórias que cada um tem a contar. Tornando assim um espaço para além da mercantilidade e do trabalho, um lugar de lazer e sociabilidade que se coincide com o ritmo do trabalho.

Um senhor passa com seus produtos empilhados um sobre o outro em um carrinho de mão de ferro, este possui apenas uma roda e tem o porte pequeno que, lentamente, passa entre os homens conversando e eles dizem seu nome como uma forma de cumprimento. Percebo este movimento de chamar o nome ou fazer um gesto com a cabeça é muito constante.

Mesmo em momento de grandes tensões e silêncio como é o caso das jogatinas de rua que acontecem durante a organização da feira. Concentrados nas cartas, os homens cumprimentam-se movendo a cabeça ou chamando o nome/apelidos das pessoas que passam por eles.

Os desenhos permitem identificar técnicas, métodos e coisas observadas durante a experiência etnográfica, são no total sete desenhos: o carrinho de mão que serve para carregar os produtos do vendedor de verduras; as mesas sendo carregadas empilhadas umas sobre as outras; o levantamento de lonas das barracas; o senhor que descascava alho sozinho e depois vê aparecer um grupo de amigos para ajudá-lo; carrinhos de mão, os bancos de madeira, tabuleiros de ferro, baldes de alho que servem como um banco, etc.

3.4 Desenhos do cotidiano: personagens humanos e não-humanos

O último bloco de desenhos refere-se aos movimentos do cotidiano através de desenhos

dos personagens atuantes no mercado público ou no dia da feira livre. Estes desenhos oferecem características dos diferentes personagens os quais tive contato durante campo de pesquisa inspirados no **Cotidiano: personagens humanos e não-humanos**¹⁰. As legendas que acompanham cada desenho oferecem um ou mais aspectos de situações observadas durante o campo de pesquisa, e ao todos foram realizados quatorze desenhos etnográficos.

Estes desenhos foram realizados com o intuito de mostrar as atividades e formas de organizar seus produtos entre alguns feirantes que tive contato direto durante campo de pesquisa. Não são todos os feirantes que vendem produtos em barracas, pois é possível perceber outras maneiras de vender como é o caso de uma senhora que vende seus produtos orgânicos em um carrinho de mão e uma outra que vende junto com seu filho laranjas em cima de caixotes e plástico embaixo de um guarda-chuva.

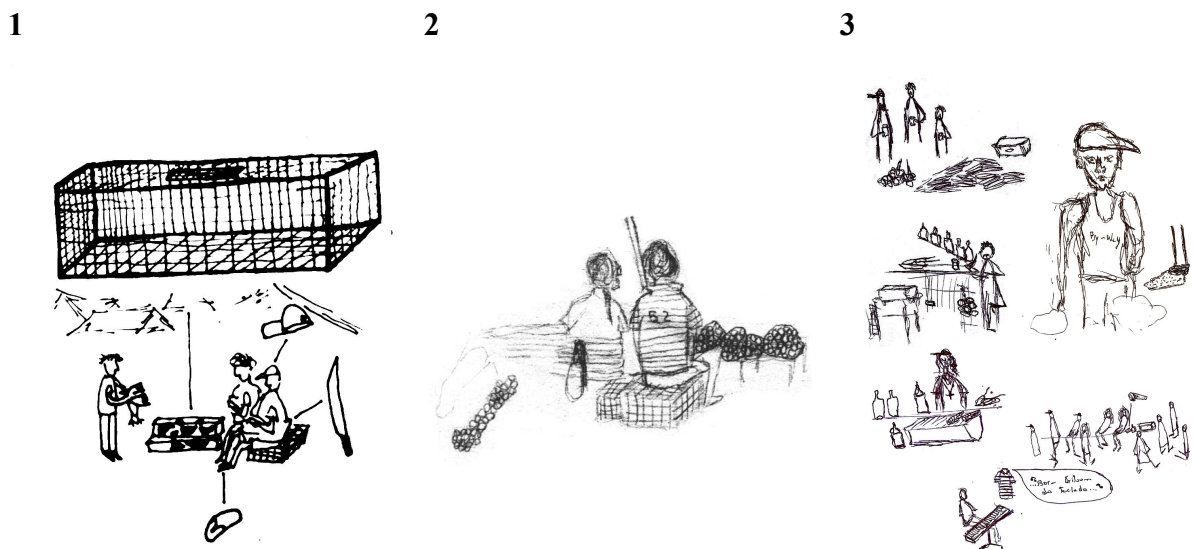


Figura 6. Desenhos do cotidiano: personagens e relação humano e não-humano. Autorias Próprias. (1) 06-08-2019; (2) 01-02-2020; (3) 29-11-2019. Acervo do autor.

Outras características possíveis de se ver no mercado são pessoas organizando produtos em cima de lonas diretamente no calçadão, como é o caso dos rapazes que vendem baldes e cabos

10

Coleção de Desenhos Etnográficos - Cotidiano: personagens humanos e não-humanos. Disponível em: <<https://joaovitorvelame.cargo.site/Desenhos-etnograficos>>. Acesso em: 15 jul 2020.

de vassouras. Mais ainda são os produtos sendo vendidos em caixas de isopor, carrinhos de som ou do caldo de cana, os caranguejos pendurados no “tripé” de madeira, o calçado dos abacaxis e melancia, barracas improvisadas de caixa de papelão, o senhor que vende espécies de aves em gaiolas cobertas por folhas de bananeiras, etc.

Assim, voltando para os ritmos e movimentos durante a organização, percebe-se que quando os produtos estão organizados os feirantes procuram diferentes lugares para que possam tirar alguns minutos para dormir ou para descansar de suas atividades. Isto acontece das mais diversas maneiras, por exemplo, os dois meninos que vendem baldes plásticos: enquanto um deles cobre a cabeça com uma manta azul o outro joga em seu celular, mas em um determinado momento este primeiro diz estar com sono, fazendo com que o segundo menino reduza o volume do jogo para que seu amigo possa dormir, porém parece se cansar e também acaba deitando, ainda com o celular na mão. Os lugares do mercado público são readaptados e ressignificados durante este tempo de espera do começar a feira livre durante a madrugada.

Por outro lado, tem aqueles que chegam mais tarde, como é o caso da feirante que vende panelas de barro, artesanatos, cachimbos e temperos. Seu filho mais novo armou a barraca e a lona pela parte da tarde com um outro feirante, diferente de outros que colocam a lona durante a madrugada pois, quando este comerciante chega, a lona e suportes já estão todos prontos, facilitando para que apenas arme seus produtos. Enquanto arruma seus produtos, este canta algumas canções com um grande sorriso no rosto, cantarolando até de manhã.

O rapaz mais novo que vende temperos espera dentro de um caixote plástico de frutas. Enquanto fecha os olhos e descansar, suas pernas e braços ficam para fora do caixote. Também tem aqueles feirantes que chegam a trazer colchonetes, travesseiro e lençol, arrumam algumas caixas de papelão para cobrir o calçado e colocam o colchonete em cima. Outros dormem dentro dos carros, outros armam a rede. Ou até mesmo fecham os olhos sentados esperando o dia continuar.

4 SÍTIO ELETRÔNICO

A elaboração do sítio eletrônico desta coleção etnográfica buscou reunir e possibilitar condições de visibilizar o acesso aos materiais e conhecimentos produzidos em campo de pesquisa. O sítio eletrônico *Ritmos e Movimentos: experimentações (Etno)Gráficas numa feira paraibana* é uma proposta de exposição de uma coleção de documentos etnográficos nas interfaces trazendo esta diferença de poder compartilhar com a comunidade local, o conhecimento e papel do antropólogo aqui no Vale do Rio Mamanguape, podendo conceber acesso às pesquisas científicas fora dos muros da universidade.



Figura 7: Apresentação do Sítio Eletrônico - Página Inicial, disponível em: <https://joaovitorvelame.cargo.site/>. 16 jul 2020.

Desta forma, através deste *site* apresentado, possibilitou contemplar uma etnografia da duração dos ritmos e movimentos (a vida) no ambiente do mercado público da cidade de Rio Tinto-PB. O procedimento de transformar o documento etnográfico em sua forma de imagens (pinturas, desenhos, aquarelas, fotografias, outros elementos gráficos, etc.) foi preciso repensar na forma de apresentação desta coleção. Para que isso aconteça foi preciso aprender e estudar sobre o CSS (*Estilo em Cascatas*) sendo assim possível ajustar as cores dos textos, planos de fundo, interação de *links* externos e internos dentro de imagens e códigos, *layouts*, ajustando assim o site para uma linguagem visual poética que vá de encontro com o objetivo geral da pesquisa.

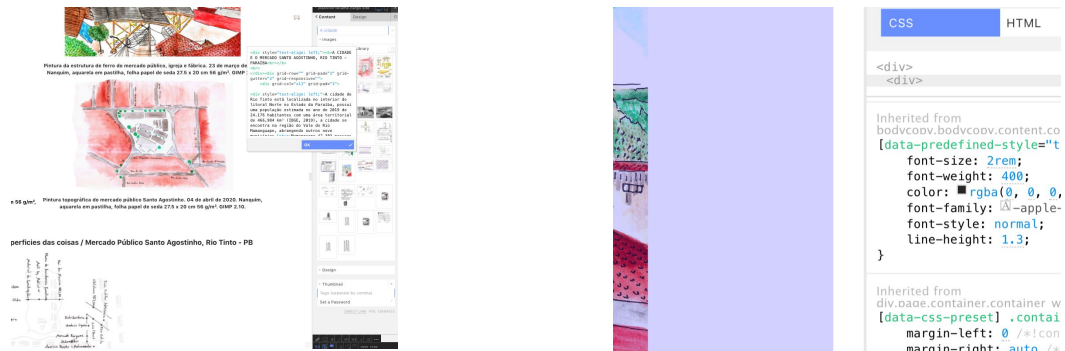


Figura 8: *Screenshot* ilustrativo da criação do *site*. 16 jul 2020.

O HTML (*Linguagem de Marcação de Hipertexto*) é uma linguagem de marcação, significando que é o *site* em si, ao alugar ou comprar um *host* na internet vem acompanhado de uma representação visual. Dizendo isto, o CSS não é tecnicamente uma necessidade, pois apenas com o sítio seria possível enviar e fazer *download* de imagens em um *site*. Por outro lado, o uso de CSS para a construção deste *site* teve como o objetivo apresentar uma peça que as cores, os tamanhos das imagens, as formas de visualizar cada aba, focando em um estilo de toda estética do *site*. Entende-se assim o HTML como o material bruto e o CSS o conteúdo da representação visual do *site* (Fig. 8).

Desta forma, tanto o tratamento documental quanto o das imagens foram organizados, editados e catalogados, levando a este movimento de ter um material bruto para depois pensar em sua representação visual para compor o *site*. Portanto, esta coleção segue o reconhecimento dos direitos autorais e dos direitos de imagem para o compartilhamento tanto de forma digital como de acesso. Como apontamos no grupo de pesquisa, as imagens são um tipo de conhecimento e de mediação simbólica, e sua utilização requer considerações sobre ética bem como supõe a crítica dos conceitos de imagem usualmente aceitos (AVAEDOC, 2019).

Para a catalogação desta coleção de desenhos utilizei da forma de organização e sistematização presentes na política de uso do Arandu; capítulo "*Sobre Procedimentos Básicos*", o qual tem como objetivo destacar alguns elementos principais como a data formal de início da pesquisa, seguindo pelo primeiro nome do discente, a sigla correspondente ao tipo de pesquisa.

Observe que este tipo de organização é simples para ser identificado respeitando a autonomia de cada pessoa na organização de seu material¹¹.

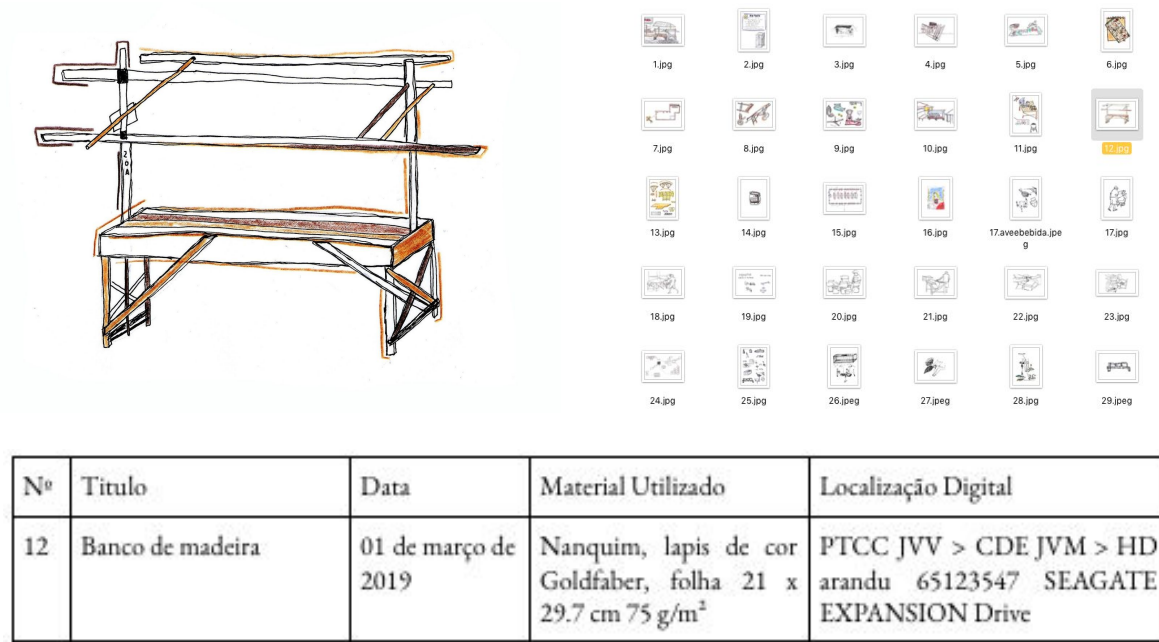


Figura 9: Organização e catalogação da coleção dos desenhos. 16 jul 2020.

O modelo aqui adotado segue uma ordem cronológica na organização da coleção etnográfica física, possuindo elementos básicos como título, data, material utilizado e localização digital. Esta forma de organizar o material coletado teve como motivação que o leitor compreende a variação de método destacando a variedade de materiais utilizados.

Desta maneira, a produção desta hipermídia foi criada para este trabalho de conclusão de curso sendo acessível a toda comunidade, podendo ser compartilhada em diferentes redes sociais, abrangendo o universo acadêmico para além da universidade, para que estes se reconheçam e se vejam para uma escrita científica hipermidiática.

¹¹

Ver **Tabela coleção de desenhos etnográficos e organização de criação**. Disponível em: <https://joaovitorvelame.cargo.site/Colecao-de-Desenhos-etnograficos>. Acesso em 26 de junho de 2020.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco central deste estudo foi compreender e analisar os ritmos temporais e movimentos (a vida) no âmbito da organização da feira livre da cidade de Rio Tinto-PB, através do uso principal do desenho como método de pesquisa. Sendo possível observar através destes traços, esboços e rascunhos diversas atividades, coisas, instrumentos e movimentos presentes no âmbito do mercado público, assim como perceber os diferentes personagens atuantes neste ambiente de múltiplas interações, nas formas de saber, experienciar e viver.

Trazendo consigo movimentos que alegram e marcam a história desta comunidade de trabalhadores possibilitando desenhar algumas reflexões sobre o mercado público, usando da imaginação para experimentar diferentes linguagens visuais interagindo com o saber teórico antropológico e o saber local. Eckert (2015) considera que para nós antropólogos que iremos trabalhar com o sentido de etnografia da duração, isso significa conhecer as experiências relacionadas ao tema do trabalho nos tempos cotidianos vividos daqueles que narram. Devemos pensar no tempo e trabalho em conjunto e através das memórias que marcam esta comunidade.

Foi através de uma antropologia constantemente negociada e compartilhada com o outro no embaralhamento do papel do estudante, como pesquisador e artista, em contato criativo com personagens atuantes neste ambiente de trocas, lazer, sociabilidade, memória, ritmos, etc., em que este trabalho foi desenvolvido.

Um fator fundamental pela qual esta pesquisa se baseou foi a concepção de ritmos, movimentos e duração. Ingold (2012) afirma que a vida não começa em um determinado momento, assim pensar na feira para além do evento em si provocou um novo olhar sobre o tempo e trabalho, conhecendo e interagindo com feirantes que começam a organizar seus tabuleiros durante a madrugada e só deixam aquele lugar depois do fim da feira. Foi compreendendo a partir da imersão em campo que este olhar de uma vida em movimentos e contínua em que foi possível realizar esta pesquisa.

A feira não começa a partir de um determinado horário, este ambiente está em constante movimento, existe um processo de organização de um emaranhado de coisas, parafraseando Ingold, que foi necessário um olhar sensível para entender esta relação dos feirantes com o lugar.

Diante do exposto fica claro que os ritmos e movimentos do mercado público não podem

ser compreendidos sem considerarmos a virada da madrugada de sexta-feira para o sábado, na organização da feira livre. Não podendo ser possível falar sobre uma feira livre sem falar sobre o processo de organização para que este evento aconteça.

A partir das obras, como as apresentadas neste relatório de pesquisa e de análises empíricas, busquei uma compreensão da organização da feira livre do município de Rio Tinto, partindo dos lugares, instrumentos, coisas, personagens e das experiências do montar da feira livre e troca de saberes. Espero que esta análise apresentada possa incentivar novos estudos nas reflexões sobre as feiras livres e mercados públicos chamando atenção para este outro momento além da feira em si, do tempo e trabalho que se dá nas viradas das madrugadas. Repensando, assim, a forma de representar visualmente o saber antropológico através de meios hipermidiáticos na construção poética e um olhar sensível sobre a temática a partir da organização e sistematização de coleções etnográficas no âmbito da antropologia visual.

Concluindo, estas experiências vividas coletivamente significam, além de tudo, o saber interagir, observar, ajudar quando for preciso, compartilhar das risadas, cantorias e diferentes momentos de sociabilidade que o campo de pesquisa ofereceu, foi o sentimento de pertencimento e aceitação em campo pelos feirantes em que aos poucos fui construindo relações de reciprocidade.

As madrugadas da organização das feiras livre contudo este campo de pesquisa necessitará de mais aprofundamento pois as madrugadas são longas e é um universo ainda pouco explorado pelos pesquisadores destas temáticas. Portanto, se partimos da ideia de uma vida contínua e em movimento podemos levar este trabalho além. O tempo do outro é algo que destaco nesta pesquisa: o montar, o realizar, o desmanchar e o continuar. Um ciclo contínuo do trabalho e da vida.

Espero dar continuidade a estas narrativas nessa comunidade paraibana e que de algum modo venha a me aprofundar nessas interações, entender pelos olhos dos feirantes o quão importante é a preparação para “o dia de feira”, e o quanto essa madrugada é esperada e trabalhosa.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARAÚJO, Claudionor Silva de. *Etnografia com Crianças e Adolescentes que Fazem Frete com Carro de Mão na Feira Livre de Rio Tinto*. Rio Tinto: [s.n.]. 2019.

AZEVEDO, Aina Guimarães. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. *Áltera Revista de Antropologia*, v. 2, n. 2, p. 101 - 119, ago 2016a. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/34737/17602>>. Acesso em: 28 dez 2019.

_____. Desenho e Antropologia. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 5, p. 15-32, 2016b. Disponível em: <<https://cadernosaa.revues.org/1096>>. Acesso em: 28 dez 2019.

_____. Uma análise da coleção de desenhos etnográficos do museu Kunstkamera. *TESSITURAS* v.7, n.2, p. 242 - 265, Jul-dez 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/16254>>. Acesso em: 12 nov 2019.

BANKS, Marcus. *Dados visuais para pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CARDOSO, T. M.; GUIMARÃES, G. C. (Orgs.). *Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba*. Brasília: FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM. 2012.

DANTAS, Dilma da Silva. *Cotidiano e Sociabilidade de Mulheres na Senzala: Interações, Conflitos e Vizinhança*. Rio Tinto. Monografia (Graduação) - UFPB/CCAIE. 2019.

ECKERT, Cornélia. *Memória e trabalho: etnologia da duração de uma comunidade de mineiros do carvão (La Grand-Combe, França)*. 1. ed, Curitiba: Appris, 2012.

ECKERT, Cornélia & ROCHA, Ana L. C. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

ECKERT, C. ; ROCHA, A. L. C. *A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas*. 1. ed. Brasília: ABA, 2015a.

EL GUINDI, Fadwa. *Visual anthropology: essential method and theory*. Lanham: Altamira Press, 2004.

GONÇALVES, A. O. ; ABDALA, M. C. *Na Banca de "Seu Pedro é tudo mais gostoso": personalidade e sociabilidade na feira-livre*. Ponto Urbe. São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/528>>. Acesso em: 15 fev 2020.

INGOLD, Tim. Humanidade e animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 28 (10): 39-54, 1994.

_____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes antropológicos*. 2012, vol.18, n.37, pp. 25-44.

_____. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. São Paulo: Vozes, 2015.

KUSCHNIR, Karina. Desenhando Cidades. *Revista Sociologia & Antropologia*, v. 02, n. 04, p. 295-314, 2012. Disponível em: <https://revistappgsa.ifcs.uffj.br/wp-content/uploads/2015/05/v2n04_13.pdf> . Acesso em: 28 dez 2019.

_____. Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa. *Cadernos de Arte e Antropologia*. 3(2), p. 23-46, 2014. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cadernosaa/506?file=1>>. Acesso em: 28 dez 2019.

_____. A antropologia pelo desenho: Experiências visuais e etnográficas. *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 5, n. 2, pp. 5-13, 2016. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cadernosaa/1095>>. Acesso em: 28 dez 2019.

LISBOA, Caio N. *Etnografia da fanfarra no contexto do desfile cívico de Rio Tinto*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa/Rio Tinto: Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, 2019.

MACÊDO, Maria Bernadete Ferreira de. *Inovações Tecnológicas e Vivência Operária: – O caso de Rio Tinto 1950-1970*. João Pessoa: Departamento de Economia da UFPB, 1986 Dissertação (Mestrado em Economia), Vol.II.

MENDONÇA, João M. B. Pesquisa fotográfica e filmica no litoral norte da Paraíba. In: FERRAZ, Ana L. C. e MENDONÇA, João M. B. (orgs.). *Antropologia Visual: perspectivas de ensino e pesquisa*. Brasília: ebooks ABA, 2014, pp. 439-470.

_____. Ética, oralidade e pesquisa fotográfica. *Illuminuras* (Porto Alegre) , v. 13, p. 85-100, 2012.

NASCIMENTO, Walkiria. *Etnografia em uma Feira Livre: O Cenário, o Dia de Feira, os*

Personagens e a Sociabilidade. In: *Etnografias Urbanas, espaço, imagem e diferença na cidade*. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira, Marco Aurélio Paz Tella (Org.). João Pessoa: EdUFPB. 2017. pp. 229 – 250.

PINK, Sarah. “Planning and Practicing Visual methods: Appropriate Uses and Ethical Issues”. In: *Doing Visual Ethnography: Images, Media, and Representation in Research*. London: Sage, 2001. Print. pp. 1 – 18.

QUEIROZ, Maria I. P. Relatos Oraís: Do Indizível ao Dizível. In: Von SIMSON, Olga M. (org.) *Experimentos com História de Vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988, pp. 14-43.

TAVARES, Breitner Luiz. *Feira do Rolo na pedagogia da malandragem: memória e representações sociais no espaço urbano de Ceilândia/DF*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Brasília: Universidade de Brasília, 2005

VEDANA, Viviane. *"Fazer a Feira": estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira Livre de Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre*. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social) Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas, SP: Papirus, 1998.